



-><-

# Histórias na Minha Cidade

-><-





**EDIÇÃO**

Câmara Municipal de Lisboa  
Departamento de Educação

**TÍTULO**

HISTÓRIAS DA MINHA CIDADE  
o livro do concurso

**PROJETO**

LETRAS CORES E SABERES

**COORDENAÇÃO**

Paulo Agostinho e Carla Sérgio

**EQUIPA**

Jorge Alves | Paula Granja | Rute Delgado | Sónia Nunes

**ILUSTRAÇÕES E TEXTO**

Alunos das Escolas Básicas de Lisboa que aderiram

**DESIGN**

Câmara Municipal de Lisboa  
Departamento de Marca e Comunicação

**IMPRESSÃO E ACABAMENTOS**

Imprensa Municipal

**ANO**

2020



-><-  
**Nota de  
Abertura**  
-><-

Uma cidade não existe sem as suas escolas. É nelas que muita gente passa os seus dias: gente crescida que ensina, cuida, escuta, organiza, limpa, cozinha e brinca, por exemplo; e gente mais pequena, que aprende, ensina, joga, escuta, fala, brinca e vai ficando cada vez mais crescida. Também há gente crescida que não passa grande parte dos dias na escola, mas vai passando por lá quase todos os dias: mães, pais, avós, irmãos, pessoas que levam a fruta fresca para os cabazes do Vegi, outras que vão contar histórias, desentupir canos, aparar sebes ou só olhar com muita atenção para aquele cantinho que pode ser transformado numa horta e acaba a pensar em como transformar aquela escola antiga e triste numa escola cheia de alegria e futuro.

Estes dias de caminhos cruzados são o tecido de Lisboa. Um tecido que vamos bordando todos os dias (a ponto-luz claro), com fios de todas as cores e tamanhos. Alguns ficam demasiado grandes para caber no nosso desenho, outros vão perdendo o brilho e pedem-nos que os deixemos descansar, para dar lugar a novas texturas, novas possibilidades, mais desafios.

Mas nenhum fica esquecido. Da nossa cidade fazem parte todas as memórias de quem já a encheu de outras melodias, cheiros, sons, alegrias e cansaços. Na escola, também aprendemos quem foram, e a reconhecer nos fios com que bordamos as nossas vidas a luz que lá deixaram. Aprendemos que também somos o que somos porque viemos desses dias que essas pessoas sonharam e construíram.

Neste livro, que resulta de um desafio lançado pelo concurso HISTÓRIAS NA MINHA CIDADE, no âmbito do Programa de Educação para as Literacias - Letras, Cores e Saberes, tecemos histórias, memórias e relatos que mostram que as nossas escolas estão cheias de luz e tradição. Porque a tradição não é o que outros fizeram antes de nós, mas a maneira como nós vivemos e continuamos esse legado. Ao longo destas 13 histórias, mantemos viva a mais importante das tradições: a de uma escola onde exploramos a imaginação, a cooperação e uma aprendizagem que não esquece que, em cada letra, cada número, cada história, cada jogo e cada desenho, se constrói uma cidade que não deixa ninguém para trás.

Estamos todos de parabéns. Mas estão sobretudo de parabéns os alunos do 1.º ciclo que assinam estes textos. Parabéns, gente pequena, e obrigada pela vossa luz. Contamos com ela e convosco para aprender a tecer Lisboa todos os dias.

texto do Sr. Vereador

**MANUEL GRILO**

do pelouro da Educação





# Índice

histórias do

ANO LETIVO 2018/2019

pág. 5

Histórias na minha cidade

ESCOLA BÁSICA ALEXANDRE HERCULANO | 4.º B

pág. 10

Profissões antigas da cidade de Lisboa  
Que caíram em desuso com a evolução dos tempos

ESCOLA BÁSICA ALEXANDRE HERCULANO | BIBLIOTECA ESCOLAR

pág. 35

Os Aguadeiros

ESCOLA BÁSICA MANUEL TEIXEIRA GOMES | 2.º B

pág. 41

Lisboa é História, é Cultura, é Tradição

ESCOLA BÁSICA SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA | 2.º E

pág. 14

Tradição das festas de Lisboa mantêm-se viva  
Desde o século XIII como culto a Santo António

ESCOLA BÁSICA ALEXANDRE HERCULANO | BIBLIOTECA ESCOLAR

pág. 44

Festas de Lisboa

ESCOLA BÁSICA SARAH AFONSO | 1.º B

pág. 17

O Sonho inacreditável

ESCOLA BÁSICA ATOR VALE | 4.º C

pág. 48

Viagens às Tradições

ESCOLA BÁSICA SARAH AFONSO | 4.º A

pág. 21

O Convento das Salésias

CED D. NUNO ÁLVARES PEREIRA | 4.º A

pág. 25

Novidades de antigamente

ESCOLA BÁSICA LEÃO DE ARROIOS | 1.º A

pág. 55

Caixa das Histórias

ESCOLA BÁSICA SARAH AFONSO | 4.º B

pág. 31

O fado mora em Lisboa

ESCOLA BÁSICA MANUEL TEIXEIRA GOMES | 2.º A

pág. 61

Uma aventura na Tapada

ESCOLA BÁSICA SANTO AMARO | 2.º C





-><-

# Histórias na minha cidade

-><-



uma história do 4.ºB da

ESCOLA Básica  
Alexandre Herculano

Num dia de Outono, está a Clara na janela de sua casa, em Lisboa.

A sua casa é modesta. Tem uma janela fabulosa, com vista para o Rio Tejo.

A casa da Clara situa-se perto da Torre de Belém. A Clara tem 10 anos.

Os seus cabelos são castanhos e longos. Os olhos são verdes.

A Clara é uma menina morena, curiosa e inteligente.

A Clara começou a ajudar a sua mãe na venda de flores, desde muito nova. Adora ir trabalhar, com a mãe. Apregoa lírios, túlipas, cravos, rosas, camélias, gladiólos...

O pai da Clara é ardina. Levanta-se muito cedo, para ajudar no sustento da sua família. Todos os dias, usufrui da ajuda do seu filho mais novo, que é o Vicente, irmão da Clara. O Vicente é uma criança rabinha, mas muito bondosa e meiga.

A Clara adora ler livros de aventura. Como concluiu a leitura do seu último livro, hoje vai à Biblioteca do Centro da Cidade buscar um livro novo.

A Clara tem de apanhar boleia da carroça do seu vizinho Américo, para chegar à Biblioteca.

O seu vizinho Américo é um homem, que já tem uma certa idade. É esguio e possui um sorriso radiante.

Todos os dias, ele vai vender os seus produtos, perto do mercado.

O percurso até à Biblioteca não é muito longo. A Clara passa pelo Mosteiro dos Jerónimos e pelo Palácio da Ajuda. No caminho, encontra muita gente conhecida. Todos adoram a Clara, devido à sua simpatia.

Após entrar na carroça, começa a chover torrencialmente. A menina não trouxe nenhum resguardo e ao sair da carroça, tem de correr até à porta da Biblioteca.

A Biblioteca é grande e bonita. Possui várias estantes de livros de diferentes géneros: poesia, romance, aventura, terror, drama, banda desenhada, fantasia, documentos históricos...

A Clara procura o setor dos livros de aventura, que são os seus preferidos! A Biblioteca encontra-se cheia de pessoas.

Ao chegar ao setor dos livros de aventura, a Clara olha para as estantes e repara numa lombada verde, com umas letras brilhantes. Trata-se de um livro, que a Clara quer ler há muito tempo. Estende a mão e puxa o livro.



Inicialmente, o livro não quer sair da estante. Contudo, a Clara não desiste. Puxa-o! Puxa-o! Puxa-o!  
O livro solta-se finalmente da estante e cai no chão da Biblioteca, abrindo-se! PUFF!

A Clara observa, cuidadosamente, o livro e verifica que este fica aberto numa página, com imagens coloridas.  
A Clara baixa-se e apanha o livro. Ao agarrar o livro, este começa a tremer e Clara é sugada para o seu interior.  
O livro fecha-se, com a Clara dentro.

A Clara abre os olhos e vê que está no meio de um grande jardim. No jardim, há plantas de diversas espécies e de várias cores: amarelas, vermelhas, laranjas, brancas, azuis, roxas... No jardim, há também animais.  
A Clara fica um pouco assustada ao ver os leões, os gorilas, os ursos e os elefantes.

A menina repara que os animais estão todos muito agitados. Ouvem-se rugidos! Há uma grande algazarra!  
A confusão maior está centrada no grupo dos chimpanzés. O chefe dos chimpanzés pula desesperadamente!

A Clara dirige-se para o grupo dos chimpanzés e vê que há uma chimpanzé fêmea, grávida, que tenta dar à luz. A chimpanzé está muito aflita! A Clara quer ajudar, mas os outros chimpanzés, com medo da menina, afastam-na.

A Clara insiste e a chimpanzé grávida deixa-a ajudar a ter o bebé. O chimpanzé nasce finalmente, para alegria de todos! Há uma grande festa no jardim, com todos os animais!!!

Durante o decorrer da festa, a Clara sente o chão a tremer. É sugada novamente e perde os sentidos.  
Quando volta a si, verifica, que está outra vez na Biblioteca do Centro da Cidade.

A menina olha à sua volta e repara no livro da lombada verde, que está no chão da Biblioteca.  
Trata-se do livro, que ela tanto queria ler: “UMA AVENTURA NO JARDIM ZOOLOGICO”.

A Clara fica radiante, ao pensar em tudo aquilo que vivenciou. Até lhe custa a acreditar!

Sai da Biblioteca do Centro da Cidade, de regresso a casa.  
Agora faz sol e vislumbra-se, ao longe, um lindo arco-íris.

O senhor Américo e a sua carroça já não se encontram disponíveis. A Clara terá de ir a pé.



No caminho, lembra-se de passar pela loja do alfaiate, para perguntar se as calças do seu pai já estão prontas. O alfaiate é o senhor Óscar. O senhor Óscar é um homem baixo, de cabelo preto encaracolado. É pouco afetuoso e sisudo. O alfaiate Óscar informa a Clara, que as calças do seu pai, já estão prontas, em cima de uma cadeira, na parte de trás da loja. Manda a menina ir buscar as calças. Quando pega nas calças prontas do seu pai, Clara repara num baú velho, que está num canto. A Clara é uma menina muito curiosa e não resiste em abrir o baú, para ver o que está no seu interior!

Abre o baú e, com grande espanto, observa que lá dentro se encontram roupas, que parecem de festa, e são muito antigas!

O alfaiate está muito entretido a atender um cliente. Como tem oportunidade, a Clara resolve experimentar algumas roupas. Veste um traje comprido, cheio de brilhantes. Começa a rodopiar, toda vaidosa e contente. Quando acaba de rodopiar, verifica que está dentro do Palácio da Ajuda, mas numa época muito antiga! Está no meio de um baile e encontra-se a dançar com um rapaz muito garboso. À sua volta, estão senhoras, com uns penteados um pouco estranhos.



Contudo, todas as mulheres, existentes na festa, estão lindíssimas. A Clara desfruta o momento, enquanto dança com o seu belo par. A Clara repara também, que as cortinas do palácio têm uma cor mais bonita e mais forte, comparativamente ao que ela está habituada. Há candelabros acesos, por todo o lado! De repente, a Clara ouve chamar pelo seu nome. É o senhor Óscar, que estranha a demora da menina, na parte de trás da loja. A Clara volta à realidade e despe rapidamente o vestido e coloca-o, com muita pressa, dentro do baú. Pega nas calças prontas do pai e vai ter com o senhor Óscar, informando-o, que posteriormente, a sua mãe irá à loja,



para pagar o serviço. O alfaiate Óscar olha para a Clara, com um ar espantado.

A Clara, que normalmente, anda sempre despenteada, saiu da parte de trás da loja, com o cabelo muito bem arranjado, com ganchos e flores cintilantes! O senhor Óscar nada diz à Clara. Deixa-a sair da loja, após ter combinado o pagamento.

A Clara continua o seu caminho, até casa. Leva o livro verde, debaixo do braço esquerdo e as calças, na mão direita.

Encontra a senhora Anita, que é varina.

A senhora Anita é gordinha, pois gosta muito de comer.

A senhora Anita veste uma saia colorida e calça uns tamancos de pau.

Ela tem três filhos, que andam sempre agarrados, à sua saia. A varina Anita já vendeu todo o peixe, que tinha na sua canastra. Está feliz!

A Clara continua o seu caminho até casa.

Ao chegar, o seu irmão Vicente, que anda a brincar na rua, pára com um ar muito admirado e vai a correr

chamar os pais. Os pais da Clara pensam que lhe aconteceu algo grave e aparecem a correr. Quando olham para a Clara ficam sem reação.

Nunca tinham visto a Clara, com o cabelo tão bonito e tão bem arranjado!

A Clara não percebe o que se está a passar!

Entra em casa e dirige-se para o espelho.

Quando se olha no espelho, a menina quase nem se reconhece a ela própria. Parece uma princesinha! Logo lhe vem à ideia todas as aventuras, que viveu durante todo aquele dia.





A stylized illustration of a woman with long black hair, wearing a red top and grey pants, lying on her stomach on a light green oval. She is holding a blue book open and reading it. To her right is a large teal speech bubble containing text. Below the speech bubble is a yellow rectangular box with a black border containing the name of the library.

-><-

# Profissões antigas da cidade de Lisboa

Que caíram em desuso  
com a evolução dos tempos

-><-

uma história da Biblioteca da

ESCOLA Básica  
Alexandre Herculano



Ao longo dos tempos a cidade de Lisboa foi Palco de várias profissões que com a revolução industrial e a evolução da sociedade caíram em desuso, como:

## Engraxador



Um engraxador de sapatos, para quem não sabe, era uma profissão em que um senhor estava sentado, geralmente num banco de jardim, passava um produto chamado “graxa” nos sapatos das pessoas para os tornar bonitos e brilhantes. Infelizmente esta profissão já não é muito praticada, devido ao facto de usarem cada

vez mais ténis e sapatos que não precisam de serem engraxados. A tradição remete ao ano de 1806 ano do nascimento do ofício de engraxador, quando um operário poliu em sinal de respeito as botas de um general francês e foi compensado com uma moeda de ouro pelo seu gesto.

## Lavadeiras saloias

Entoavam versos sobre a sua atividade:

“Mê ofício é lavadeira,  
Mê amor é aguadeiro  
Ele vai vender água  
Eu vou entregar a roupa  
Para trazer o dinheiro”



Nessa época, estas mulheres, durante grande parte do século XX, constituíam um importante contributo para o sustento das suas famílias e ocuparam lugares de destaque de mão-de-obra feminina, a par das enchedeiras de bilhas de barro e das mulheres que trabalhavam a lavoura. Estas profissões vieram revolucionar hábitos e costumes, pelas oportunidades que este ofício proporcionava, no contacto com outros meios sociais, devido às deslocações constantemente à capital.

Tratavam com esmero a roupa que recolhiam em Lisboa e arredores, devidamente registada, procedendo à lavagem e secagem da mesma, ao sol, a corar, junto das ribeiras, ou dos rios ou nas almácegas (tanques).

## Manutenção de candeeiros a petróleo na via pública

Até final do século XIX, a maioria das ruas das cidades europeias eram iluminadas por candeeiros a petróleo. Lisboa não era exceção. A manutenção dos candeeiros era uma profissão comum e acabou por desaparecer com o aparecimento da electricidade.



## Calceteiro

O que faz?

Faz pavimentação de leitos de estradas, ruas e calçadas, utilizando areia ou terra e recobre com paralelepípedos ou blocos de concreto.



## Aguadeiros

Ainda no século XX, antes da vulgarização da água canalizada, o fornecimento doméstico era feito, em Lisboa, por galegos, quase exclusivamente, que continuavam uma tradição de há séculos relacionada com a gente do seu país, representavam os antigos escravos negros.

A água era captada em fontes públicas e depois transportada ao ombro em pequenos pipos pelos aguadeiros.





## Ardina

É um vendedor de jornais de rua que apregoando a notícia chama a atenção do cliente. Figura muito retratada por artistas e muito popular pela sua exposição pública, a sua origem perde-se nos tempos e remete-nos à “notícia” que corria de boca em boca. O ardina difere do atual distribuidor de jornais gratuitos.

## Varinas

Eram mulheres de garras, de têmpera rija, habituadas às durezas do campo e da pesca, tornaram-se num símbolo da cidade, com os seus pregões e as suas vestimentas características, e também com a sua relativa liberdade e esperteza afiada na vivência da rua e do bairro.

Vieram de vários pontos do país, especialmente do Norte, em busca de trabalho na capital.

Concluindo: poderíamos falar de muitas mais, mas enumeramos as que nos pareceram mais importantes e representaram momentos da nossa história, que acabaram por desaparecer, devido à evolução da nossa sociedade.





-><-

# Tradição das festas de Lisboa, mantêm-se viva

Desde o século XIII como  
culto a Santo António

-><-

uma história da Biblioteca

ESCOLA Básica Alexandre Herculano





**Ao longo dos tempos, estórias e hábitos, fazem parte da nossa história** e de toda a vida de um povo.

Em todos os bairros de Lisboa, no mês de junho, há arraiais populares, balões coloridos, sardinhas assadas, manjericos e muita animação, dando um colorido e um ambiente festivo a toda a cidade.

Uma dessas tradições: As marchas Populares

Todos os dias, durante meses, crianças, jovens e adultos entregam-se de alma e coração à criação e ao ensaio das coreografias e canções, e à preparação de trajes e arcos que representam o seu bairro, o seu orgulho.

Na noite de 12 de junho, a Avenida e a cidade enchem-se de música, cor, brilho e emoção, naquela que é para muitos a noite mais esperada do ano.

Alcântara, um dos bairros em que a nossa escola está inserida não foge à regra e onde nós alunos participamos ativamente, já há alguns anos.

Desde 1932 existem as marchas populares, neles celebrados os Santos Populares onde são feitos as arraiais onde se dança, canta, come-se e bebe-se na rua. Nós iremos falar de uma marcha de Lisboa em particular. A marcha de Alcântara. Esta marcha juntou-se às tradições das marchas populares de Lisboa desde o ano 1932.

Permanecemos nessas tradições, desde esse tempo. A marcha de Alcântara é uma marcha muito unida, alegre, divertida, sensata, disposta a tudo o que lhes é proposto.

É uma segunda família para todos nós que lá andamos, encorajamos os membros mais recentes e os que mais necessitam dela, é sem dúvida um grande apoio.

A claque é a nossa maior força, é por eles sem dúvida, que batemos o pé com a maior força e a maior garra do mundo, por eles cantamos e marchamos com o melhor pensamento de sempre “estejamos em primeiro ou em último eles estarão sempre connosco” eles sem dúvida são os melhores, apoiam-nos, ajudam-nos,





ficam roucos por eles saltam, gritam, batem palmas, tudo como ninguém e isso é a maior motivação de todos nós.

Eu sou um membro da claque e é com o maior orgulho que digo que ou sou desta marcha ou de mais nenhuma serei. É sem dúvida para todos nós da claque um orgulho vê-los a marcharem e a darem tudo o que podem naqueles 20 minutos e noutros 5 minutos dia 13.

Apoiamos sempre o melhor que podemos, damos tudo de nós desde o primeiro momento que entramos até sairmos, eles são a nossa força e eu amo estas tradições e a marcha de paixão!

Na imagem seguinte, eu Carolina marchante, com a minha amiga e colega de escola, um dos elementos da nossa claque.

Depois eu, Carolina com o meu par a atuar durante o desfile na Avenida.

Assim, a tradição das Marchas Populares é fundamental para a identificação da cidade e para a manutenção do espírito popular. Segundo, um autor conhecido e apresentador de Televisão, Artur Agostinho: “Elas representam a identidade cultural e ao mesmo tempo são uma forma de revitalização da cidade”.





-><-  
O sonho  
inacreditável  
-><-



uma história do 4.ºC da

ESCOLA Básica Ator Vale



**Era uma vez na cidade de Lisboa**, uma menina cujo os cabelos eram loiros como o sol.

O nome dessa menina era Nicole. A Nicole era boa, gentil e carinhosa.

O seu pai, Fernando, era um aguadeiro, vendia água com sua filha para sustentar a família.

Estava um bom dia de sol e eles estavam a vender no Aqueduto das Águas Livres.

Como estava muito calor, as pessoas compravam muita água e eles estavam a conseguir ganhar muito dinheiro.

Eles fizeram uma pausa e encontraram um engraxador de sapatos, que os chamou; pois tanto a filha como o pai estavam com os sapatos cheios de pó.

Depois do engraxador terminar o seu trabalho, o pai pagou duas moedas de prata.

A menina estava impaciente para ir vender água, mas viu, ao longe, meninos a cantarolar.

- As estrelas brilham como o sol! Mas estar contigo brilha mais o coração!

A Nicole pediu ao pai se podia ir brincar com os meninos que cantarolavam alegremente.

- Pai, posso ir brincar com aqueles alegres meninos? – perguntou ela.

- Desculpa, mas não filha, temos de trabalhar. – disse o pai.

Apareceram duas crianças, de nove e dez anos, que eram irmãos.

Estes meninos eram filhos do engraxador que lhes tinha limpo os sapatos.

As crianças tinham pedido dinheiro ao pai para irem comprar alguma coisa para se refrescarem, naquele dia tão quente.

- Paizinho do meu coração, podes nos dar dinheiro para comprarmos alguma coisa fresca?

– perguntaram os meninos em coro.

- Ai, ai... Gustavo e Susana, apenas tenho duas moedas de prata que ganhei do trabalho que fiz há pouco...

Levem lá estas duas moedas de prata! – respondeu o pai carinhosamente para os seus filhos.

Os meninos dirigiram-se, de imediato, a uma vendedora de gelados que se encontrava ali perto.

Ela estava a vender cada gelado por uma moeda de prata.



Chegando perto da vendedora, os meninos viram uma imagem de uma montanha que uma “geringonça” no topo. Ela tinha balões vermelhos e roxos. Junto desta estava uma menina e um menino a brincar aos cavaleiros e às princesas. A menina era a princesa “Valoria”.

A Susana dirigiu-se a eles e perguntou:

- Olá, como estão? Querem vir connosco? Vamos ouvir fado.
- Sim! Nós adoramos fado! – responderam os dois em coro.

E lá foram, as quatro crianças, para a taberna da esquina ouvir fado.

A fadista era a tia do Gustavo e da Susana, que trabalhava ali para conseguir mais algum dinheiro, para alimentar os seus cinco filhos. A tia era lavadeira, mas com o que ganhava não conseguia sustentar a sua casa, pois era viúva.

A Nicole e o pai foram para junto da taberna vender a sua água.

Lá se encontraram as cinco crianças, que foram brincar, um pouco, à apanhada de frutas. Quem apanhasse mais cerejas vencia.

Depois iam fazer brincos com cerejas para vender.

O aguadeiro e o engraxador resolveram chamar os filhos para irem comer alguma coisa na taberna.

- Meninos vamos almoçar, pois já estamos a trabalhar há muitas horas, sem comer!!!

Depois de comerem uma grande e deliciosa sandes de presunto, as crianças quiseram ir para o jardim, que havia ali perto e que estava lindo, muito florido.

As crianças brincaram bastante, durante toda a tarde, enquanto os seus pais trabalhavam ali mesmo, no jardim.

Um engraxava os sapatos dos senhores que vinham ao jardim passear

com as suas famílias e o aguadeiro vendia a sua água para as crianças que ali se divertiam.



Já estava a anoitecer, quando os dois homens se despediram e as crianças combinaram encontrar-se ali mesmo no dia seguinte.

Pelo caminho, a Nicole disse ao pai:

- Adorei brincar com a Susana e o Gustavo... foi um dia muito divertido! Obrigada, papá, por me teres deixado ir brincar com eles. – disse a Nicole dando um enorme abraço a seu pai.

Os dois chegaram a casa e foram dormir, bastante felizes...

E acordaram....

O Gustavo descobriu que tudo não tinha passado de um maravilhoso sonho. Levantou-se e correu para o quarto da irmã.

- Susana, Susana... esta noite sonhei que tínhamos viajado numa máquina do tempo e...

O Gustavo ali esteve durante algum tempo a contar o seu sonho e a Susana deliciava-se com cada descrição, com cada pormenor...





-><-  
O Convento  
das Salésias  
-><-

uma história do 4.ºA do

CED D. Nuno Álvares Pereira



Era uma vez um padre chamado Teodoro de Almeida que teve de fugir para França porque não se entendia com o marquês de Pombal, o ministro todo-poderoso do rei D. José. Em França foi confessor num convento de freiras da Visitação de Annecy.

Regressado a Portugal em 1778 quis fundar um mosteiro de freiras visitandinas. A rainha D. Maria I fez-lhe a vontade e criou o convento por decreto régio de 30 de janeiro de 1782.

Vieram de França cinco freiras que ocuparam uma quinta na zona do Altinho comprada pela rainha ao conde da Ega. A quinta tinha algumas casas e uma pequena capela nas quais foram feitas obras de melhoramento para se instalarem as religiosas que se dedicavam à educação de meninas da nobreza e a receber senhoras nobres com poucos recursos. Também se dedicavam a ensinar culinária pois existe na Torre do Tombo um caderno de receitas das freiras das salésias.

A comunidade religiosa foi crescendo e o convento foi ampliado. “Em 1792, na rua das Freiras de Nossa Senhora da Visitação procedia-se à edificação do convento.” A capela era pequena e, em 1833 dava-se início à construção de uma bela igreja em cruz latina com um zimbório octogonal ao centro encimado por telhado piramidal. Do lado direito tem uma torre com dois sinos embora haja lugar para quatro. A fachada da igreja tem três panos limitados por pilastras de cantaria calcária. No centro tem uma porta retangular rematada por um frontão curvo e por cima um janelão decorado que ilumina o coro-alto. Nos dois panos laterais tem duas janelas sobrepostas. A encimar a fachada há um frontão triangular com dois corações juntos, em relevo, um deles trespassado por uma espada e dos quais saem raios de luz. Este motivo decorativo relaciona-se com iconografia de S. Francisco de Sales, fundador das freiras visitandinas.





No interior da igreja existe um coro-alto apoiado por duas colunas, as pinturas do teto a imitar relevos de estuque e uma grade que separa o espaço onde freiras, noviças e alunas assistiam aos serviços religiosos da igreja aberta à população dos arredores. No andar superior viradas para o centro da igreja há janelas gradeadas que dão para aposentos onde as freiras de condição superior assistiam às missas. Por baixo do altar há uma pequena cripta por onde se acede por uma escada escondida no chão.

No número 26 da rua, hoje denominada Alexandre Sá Pinto existe um grande portão de ferro forjado pintado de verde e um muro com cerca de 1 metro e 20 centímetros de altura todo guarnecido com uma grade de ferro de altura semelhante à do muro. No espaço delimitado pelo muro existe um pequeno jardim com três canteiros triangulares e passeios que dão acesso às portas do convento. O edifício tem quatro alas retangulares de dois pisos e ao centro um pátio também retangular que era o claustro onde as freiras passeavam.

O convento tinha uma cerca que servia de horta para abastecer o convento. Parte do muro da cerca foi derrubado em 1927 para ser construído o campo de jogos do clube Os Belenenses. Foi o primeiro campo em Portugal a dispor de uma bancada coberta e com capacidade para 21 000 pessoas. Em 1937 tornou-se o primeiro campo de futebol relvado e por isso era neste espaço que a seleção nacional fazia os seus jogos. Mais tarde, em 1961 foi derrubado mais muro da cerca e o espaço da horta ocupado para ser construída a Escola Industrial Marquês de Pombal, “que é até hoje, a escola secundária que abrange a maior área coberta e descoberta do país”. A cerca do convento ficou reduzida a menos de um quinto.



Após a extinção das ordens religiosas por Decreto de D. Pedro IV, em 1834, que apenas se aplicava imediatamente às ordens masculinas, nas ordens femininas não podia haver a admissão de novas noviças e, com a morte da última freira o convento das Salésias e todo o seu recheio foi integrado na Fazenda Nacional. Existe na Torre do Tombo o inventário lavrado a 24 de agosto de 1897 no qual são inventariados os bens e o seu destino.

Desde 1887 que mosteiro, igreja e cerca estavam cedidos à Associação de Beneficência São Francisco de Sales. Em 1905 instalou-se no edifício o Refúgio e Casas de Trabalho sobre a supervisão da Provedoria Central da Assistência de Lisboa. Em 1926 muda o nome para Asilo Dom Nuno Álvares Pereira.

A partir de 1942, o referido asilo passou a pertencer à Casa Pia de Lisboa com o nome de Colégio Dom Nuno Álvares Pereira. Nele viviam e tinham aulas, até ao 9º ano e cursos profissionais, jovens carenciados de todo o país.

Em 2002 a Casa Pia foi reestruturada, tendo fechado os lares de internato passando a denominar-se Centro de Educação e Desenvolvimento Dom Nuno Álvares Pereira. Está estruturado como escola para alunos a partir do ensino pré-escolar até ao 9ºano, cursos de ensino profissional e turmas de ensino integrado da música clássica. O que restou da antiga cerca do convento são hoje os pátios de recreio e os campos para a prática de desportos.

Este antigo convento é a nossa escola e gostamos imenso de estudar cá. Aqui temos amigos e familiares a partir dos 3 anos até aos 18 anos.

E nós, quem somos? Os alunos do 4º ano, turma A.





-><-

# Novidades de Antigamente

-><-

uma história do 1.ºA da

ESCOLA Básica Leão de Arroios



**Fomos numa visita de estudo** conhecer a escadaria do mercado do Forno do Tijolo.

Queríamos ver os painéis de azulejo com pinturas de profissões antigas da nossa cidade que é Lisboa.

Saímos da escola e fomos no autocarro dos Alfacinhas até ao mercado.

Chegámos e entrámos pelo grande portão que dá acesso à escadaria.

A nossa professora começou a explicar o que íamos ver e...  
de repente... que grande algazarra!!!

As figuras que estavam nos painéis ganharam vida e cor e começaram a apregoar.

Primeiro achámos estranho, e até nos assustámos, mas rapidamente percebemos que o portão por onde tínhamos acabado de passar era mágico.

Tínhamos viajado até aos tempos antigos da cidade de Lisboa.

- Perfeito! Melhor que isto não podia ser! – disse a professora.

Descemos as escadas e começámos a ouvir cada uns dos pregões:

*“Eu cá vendo galinhas*

*Para guisar e fritar*

*Venham aqui ao Manel*

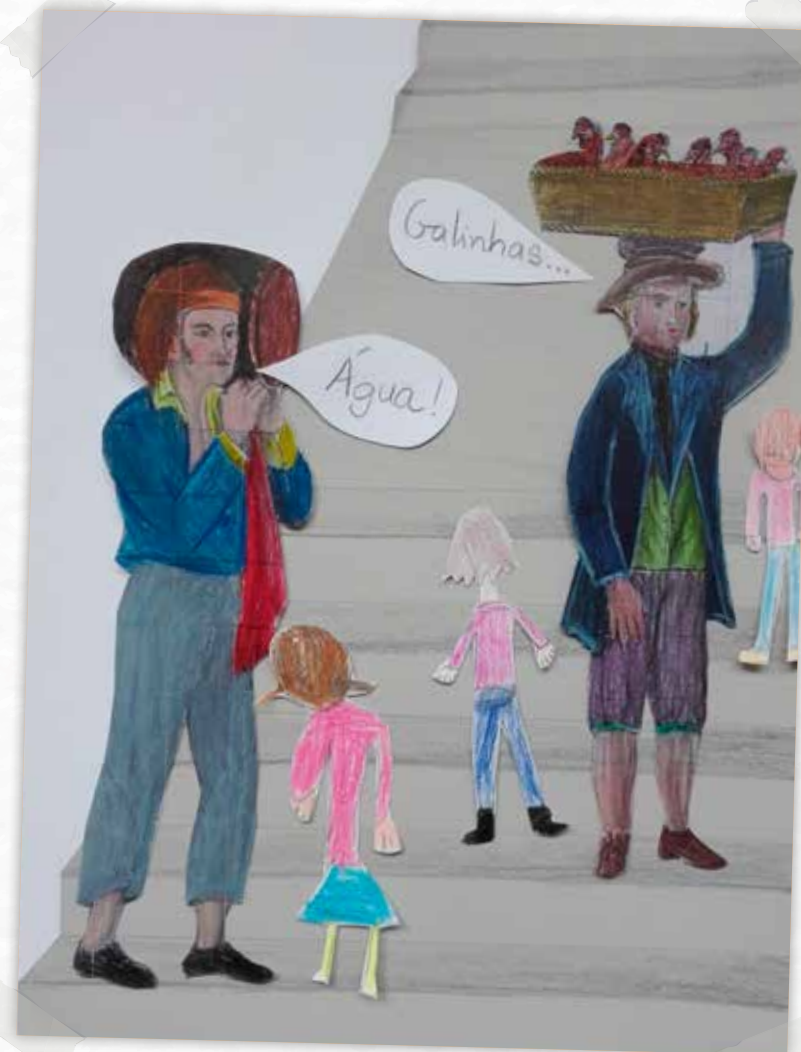
*Venham, venham comprar.”*

- Olha! Está a vender galinhas vivas! Isto é novidade para mim!

- disse a Bárbara.

- Novidade, novidade é eu ver uma galinha viva!

- disse a Mafalda no meio de muita risota.





"Sou o aguadeiro  
O meu nome é Pascoal  
Tenho água muito boa  
Fresquinha ou natural."

- Que engraçado! Este senhor está a vender água mas não é em garrafinhas!
- disse a Evgeniya.

"Eu sou o Joaquim  
E queijos estou a vender  
De vaca, ovelha ou cabra  
Todos bons para comer."

- Queijos na rua? Nunca tal tinha visto!
- disse o Sol muito admirado.

"Eu vendo bom peixe  
Meninos, eu sou a varina  
É do mar, é fresquinho  
É o peixinho da Carina"

- Nunca vi uma pessoa a vender peixe na rua!
- disse a Constança.
- Pois é, é mesmo estranho!
- Eu também não! Mas têm muito bom aspeto!
- comentou a Helena.



"Sou o ardina  
De nome Juvenal  
Trago as novidades  
Aqui está o jornal."

- Nem acredito naquela pontaria!  
O ardina embrulhou o jornal e  
lançou-o para a janela daquela casa!
- disse o Rodrigo espantado.

"Sou o chanfaneiro  
O meu nome é João  
Trago muitos legumes  
E até trago agrião."

- Olha, um burro carregadinho de legumes!
- reparou a Caetana.
- É a primeira vez que vejo um burro!
- disseram com surpresa e em coro  
o Ibraima, a Vitória, o João e a Margarida F.
- Eu aprendi um dia destes que  
antigamente os burros eram usados  
para transportar as mercadorias.
- esclareceu o Takayuki.





*“Tenho bolos deliciosos  
De canela, limão ou mel  
São todos saborosos  
São os bolinhos do Miguel.”*

- Nunca vi ninguém a vender bolos na rua,  
só na praia e eram bolas de Berlim!
- disse a Margarida R.
- Será que são bons?- perguntou a Aurora.
- Oh professora, podemos  
comprar uns bolos para provar?
- perguntaram o André e a Mariana.
- Claro que sim! Já cá voltamos para comprar.
- disse a professora.

*“Eu sou a Maria  
Maria da Conceição  
Eu sou a padeira  
Trago bom pão.”*

- Olha outro burro! – disse a Joana.
- Este traz o pão e a padeira! – reparou o Pedro.
- Que cheirinho tão bom a pão acabadinho de fazer!
- disse o Ryan enquanto inspirava o aroma do pão.



- O que é que aquela senhora traz dentro da bilha?
- perguntou a Carolina.
- É leite, é leite eu ouvia-a a apregoar!- respondeu a Íris.

*“Olha o leite fresquinho  
Que a leiteira Ana traz  
É leitinho da vaca  
Que tão bem faz.”*

- Bem... meninos, está na hora de regressar!
- alertou a professora.
- Só mais um bocadinho! Estamos a gostar tanto deste centro comercial ao ar livre!
- responderam alguns meninos.
- E os bolos? – perguntaram o André e a Mariana.

A professora deu-lhes dinheiro e disse para comprarem 23 bolinhos de sabores variados.

- Ok, está mesmo na nossa hora!
- O autocarro já deve estar à nossa espera!
- disse a professora.

Todos nós nos juntámos numa fila ordenada, dissemos adeus aos vendedores e agradecemos a fantástica experiência.

Regressámos à escola com muitas novidades de antigamente para contar aos pais.





-><-  
O fado  
mora em  
Lisboa  
-><-



uma história do 2.ºA da

ESCOLA Básica  
Manuel Teixeira Gomes



O fado é uma canção  
De doce melodia,  
Canta o que vai no coração  
E a vida do dia a dia.

O fado é português,  
O fado é de Lisboa,  
Canta-se nos bairros típicos  
De Alfama à Madragoa.







Mas também é de Marvila  
Onde o povo bem o canta,  
Como no Clube Amigos do Fado  
Onde esta canção encanta.

O fado é bem português,  
Mas pertence a todo o mundo,  
É Património da Humanidade  
Esse cantar tão profundo!



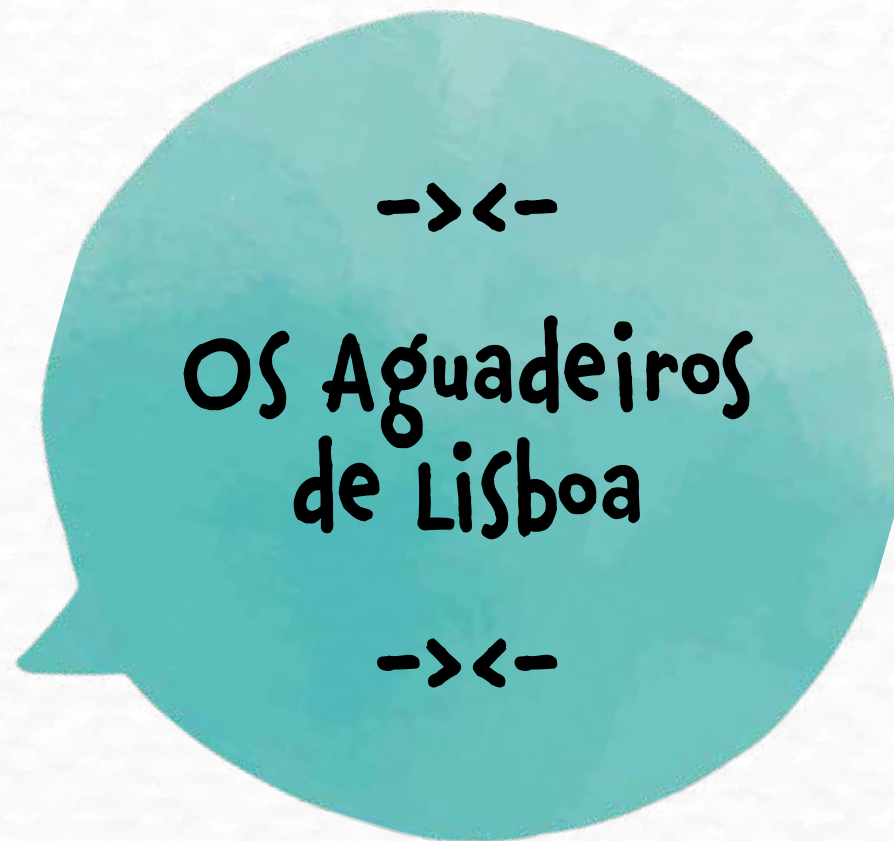


O fado é tristeza, alegria e amor,  
Mas acima de tudo é saudade  
Esse sentimento tão português  
Que nos enche de vaidade!

Quando se ouve a guitarra  
E o fadista começa a cantar,  
Logo se pede silêncio  
Que o fado vai começar!







uma história do 2.ºB da

ESCOLA Básica  
Manuel Teixeira Gomes

No século XX, nas ruas de Lisboa,  
Havia muito aguadeiro  
Levavam água de porta em porta  
Que trocavam por dinheiro.

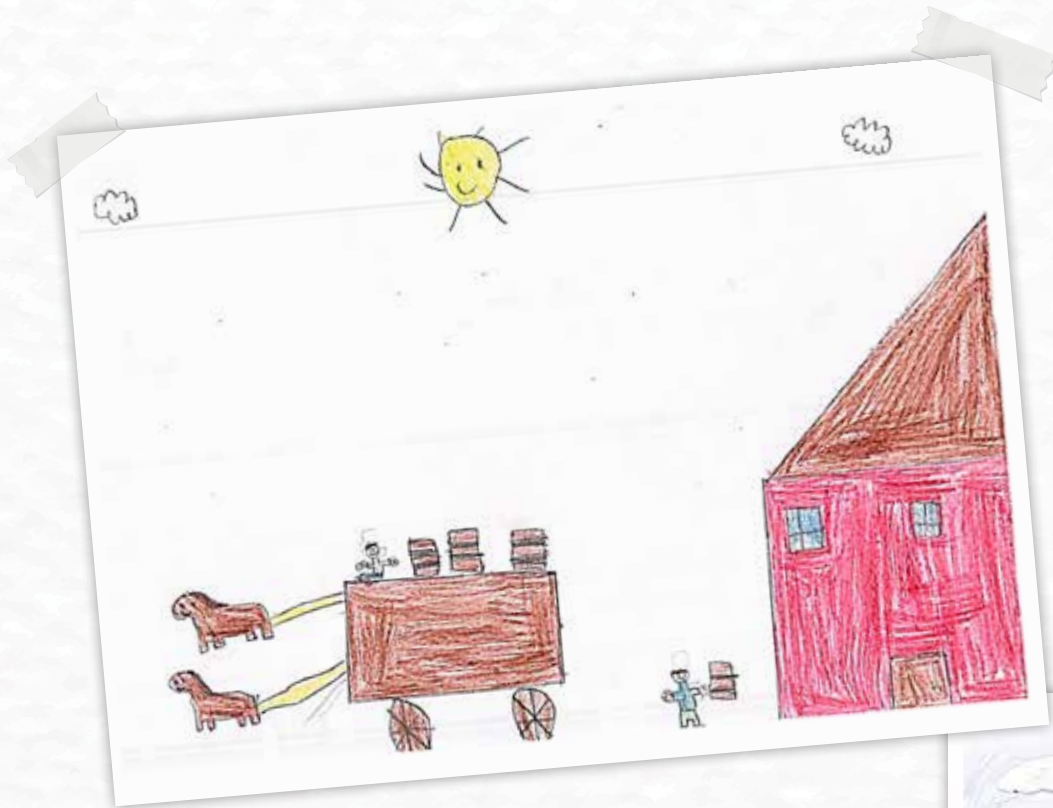




Chamavam-se galegos  
E nas aflições ajudavam  
Com os seus barris de água  
Muitos incêndios apagavam.



Quando o sino da igreja tocava  
Qualquer aguadeiro já sabia  
Pelos Toques que ele dava  
Onde o fogo aparecia.



Nos chafarizes da capital  
Todos eles se juntavam  
Para recolherem a preciosa água  
Que a todos os lares levavam.







Com os seus pregões anunciavam  
A água fresquinha e boa  
Que logo matava a sede  
Aos moradores de Lisboa.





Pelo Aqueduto lá vinha  
A pura água da fonte da Pipa  
E nas enfusas lá ia  
Certificada pela Junata de Freguesia.



-><-

Lisboa  
és História,  
és Cultura,  
és Tradição

-><-

uma história do 2.ºE da

ESCOLA Básica  
São Sebastião da Pedreira



Linda és a minha cidade  
Incrível e impressionante  
Só eu sei como gosto de ti  
Beleza de pasmar  
O rio Tejo a encantar  
Arte sem parar.

És um cravo  
Santos populares.

Histórias contas-me tu  
Incríveis os descobrimentos  
Sempre pronta a acolher  
Teatros, fados e monumentos  
Óh Lisboa  
Rainha das sete colinas  
Ideal para habitar  
Amar e estudar.

Linda és Lisboa  
Incrível cidade à beira rio  
Sardinhas para saborear  
Belas festas e arraiais  
O Santo António a festejar  
A cidade a acompanhar.

És bairros, és fados  
São monumentos, são pastéis.

Cidade com memória  
Uma povoação com grandes histórias  
Lugares perfeitos e jardins  
Torres e castelos  
Um conto do passado  
Ruas antigas  
As caravelas no mar...





Lisboa a capital  
Imagem colossal  
Sempre à janela  
Belas vizinhas a conversar  
Os bairros enfeitados  
Alma e grandes fados...

És tradição...  
Sabedoria em evolução.

Tantos monumentos, tantos costumes  
Rio Tejo à beira mar  
As queijadas e os pastéis  
Dão alento ao coração  
Impossível resistir

Comer sardinhas no pão  
Ao Santo António agradecer  
O amor e gratidão.  
Lisboa, Lisboa  
Influência, educação



Sardinha assada  
Bairros e diversão  
O fado como destino  
Alfacinha no coração.

És Lisboa...  
Serás sempre Lisboa.

Tens torres, tens castelos  
Rio e sete colinas  
Arraiais e Santo António  
Destino e capital  
Inspiração dos artistas  
Cidade sem igual  
Acolhedora e patriota  
O coração de Portugal.

Lisboa,  
és História, Cultura, Tradição  
és o fado de S. Sebastião.



-><-

Festas de Lisboa

-><-

uma história do 1.ºB da

ESCOLA Básica Sarah Afonso



Festas  
de  
Lisboa



Lisboa é a capital  
do nosso lindo Portugal.  
Em julho cheira a sardinha  
que é assada na cozinha.



Chega a festa  
nas ruas de Lisboa.  
Come-se sardinha com broa  
numa rua molhada.





Santo António casamenteiro  
ajuda-me por favor.  
Para casar preciso de dinheiro  
porque eu só tenho amor.

-><-

# Viagens às Tradições

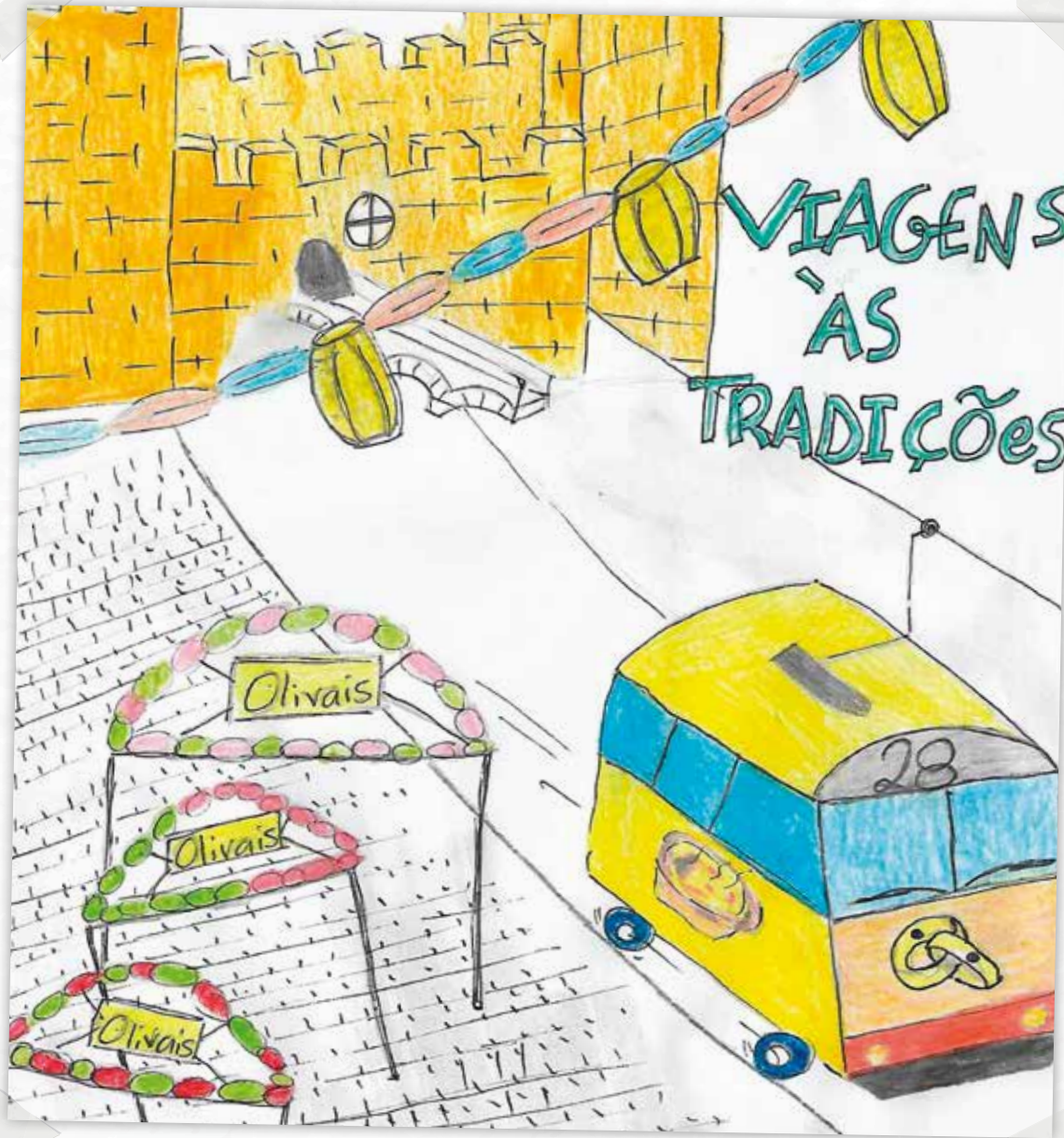
-><-



uma história do 4.ºA da

**ESCOLA Básica Sarah Afonso**







Lisboa... cidade que existe desde a pré-história, tendo já tido noutro tempo o nome de Olisipo, com tantas histórias e tradições, foi o cenário da nossa visita de estudo! Sim, a nossa... a minha e da minha turma do 4º A da Escola Básica 1/JI Sarah Afonso, dos Olivais, fomos à Baixa de Lisboa no dia 12 de Junho.



Decidimos este dia porque a nossa professora Amália contou-nos, na área de Estudo do Meio, que o dia 10 de Junho é dia de Camões, de Portugal e das Comunidades Portuguesas. Mas, quando a questionámos sobre o feriado de 13 de Junho, esta falou-nos de toda a história e tradições associadas a este dia, dia de Santo António.

Então, no dia marcado e muito entusiasmados, saímos da escola às 16h00 e dirigimo-nos para o metro dos Olivais até à estação Martim Moniz. Em seguida, apanhámos o eléctrico 28, que provavelmente é o meio de transporte mais típico de Lisboa. Subimos ao bairro da Graça e passámos pelo Castelo de S. Jorge. Descemos até à Sé de Lisboa, que se situa em Alfama, na qual os noivos de Santo António se casam, pois é aqui que estão os restos mortais do padroeiro da cidade, eleito pelo povo, pois o padroeiro é São Vicente.





Logo a seguir, caminhámos até à igreja em honra do padroeiro, onde vimos os noivos a desfilarem! “Os Casamentos de Santo António” são uma das tradições de Lisboa, com mais de cinquenta anos, porque este era conhecido como casamenteiro, pois ajudava casais com problemas matrimoniais. Imbuída pelo espírito dos casamentos, de repente, a minha colega Marisa começou a declamar uma quadra para a turma:

“Santo António, Santo Antoninho,  
Padroeiro da minha Lisboa,  
Vê lá se trazes o pão e o vinho,  
Para comermos a sardinha na Madragoa.”

Nisto ouve-se em plena Alfama uma grande gargalhada... toda a turma estava a rir! Até que o colega Carlos pergunta:

- Quando é que vamos comer sardinhas?
- Estamos perto do baile da Casa dos Bicos! Podemos ir lá comer?! – sugeriu a Carminho.





A professora Amália gostou da ideia e deslocámo-nos para o baile dos Santos Populares em frente à Casa dos Bicos. Lá pudemos saborear sardinhas no pão, ao som de música popular portuguesa.

- Não há nada mais tradicional da cidade de Lisboa do que isto! Ou será que há? – Turma, querem ir conhecer uma casa de fados? – questionou a professora.

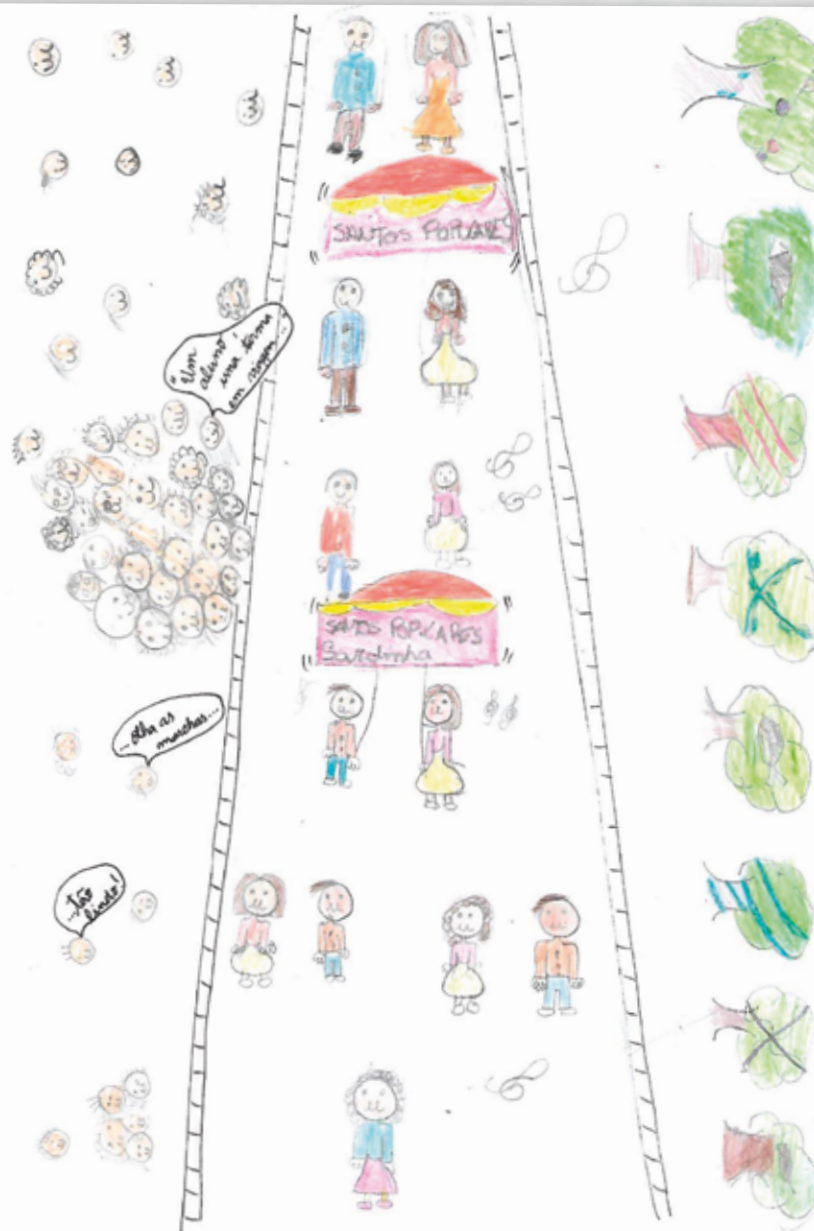


Toda a turma respondeu imediatamente que sim e fomos procurar uma casa de fados. Andámos por Alfama até encontrar a mais característica. Nela comemos um belo caldo verde, peixinhos da horta e o famoso chouriço assado, todas iguarias típicas da cidade. Jantámos ao som de fado, que é classificado pela UNESCO como Património Cultural e Imaterial da Humanidade, e da guitarra portuguesa. Ficámos maravilhados com o fado que ouvimos naquela casa. Um senhor começou a desafiar a nossa professora para o fado à desgarrada, por esta ter o nome de uma fadista portuguesa mundialmente conhecida, Amália Rodrigues. Assim, a professora respondeu com uma linda quadra:



“Com o pão e o vinho sobre a mesa,  
Com as marchas na avenida a desfilar,  
O cheiro da sardinha assada inunda Lisboa,  
Ouvindo a nossa Amália, o fado a cantar.”

Entretanto, reparámos que já eram horas de ir para as marchas populares. Todos pensámos que tínhamos de “marchar” até à Avenida da Liberdade...”Esquerda, direita! Esquerda, direita!”... Mas, afinal não! Apanhámos um eléctrico para a Praça da Figueira e daí fomos a caminhar para o grande desfile das Marchas Populares, onde cada bairro de Lisboa apresenta os seus fatos elaborados, arcos decorados e coreografias criativas ao som da música tradicional das marchas.

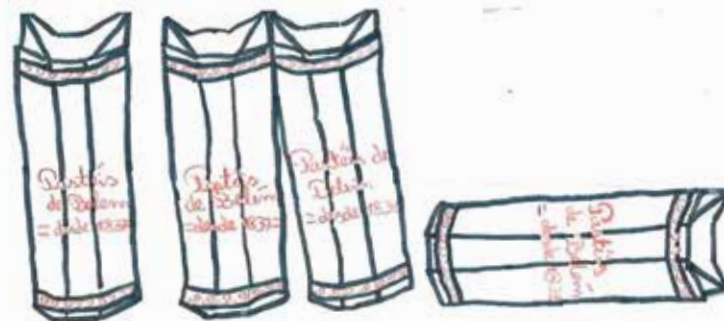


O nosso colega Camané conseguiu um espaço ao pé das grades para toda a turma ver o desfile. Este começou a chamar-nos cantando versos com a parte instrumental da música “Cheira bem, cheira a Lisboa!”:

“Um aluno, uma turma em viagem,  
É turista, precisa de guia!  
Honras faz a professora na passagem,  
É a guia com alegria!  
Para ouvir os pregões da varina,  
Em Alfama vamos ter de passar.  
Que ricas são as tradições de Lisboa,  
Cidade tão bela, que a turma vai voltar!”



Quando estávamos para ir embora, tivemos uma enorme surpresa! A coordenadora Maria da Fé apareceu com quatro caixas de seis pastéis de Belém para toda a turma. Ela explicou-nos que os Pastéis de Belém são um doce muito tradicional que surgiu em 1834 para impedir que o Mosteiro dos Jerónimos encerrasse.



A terminar a nossa viagem às tradições de Lisboa, eu e a minha turma tivemos a ideia de declamar a seguinte quadra às nossas professoras:



**"No eléctrico fomos andar,  
Porque não gostamos de caminhar.  
As marchas fomos ver,  
Logo a seguir de comer!  
Prim, pim, pim,  
A viagem chegou ao fim!"**



-><-

# Caixa de histórias

-><-

uma história do 4.ºB da

ESCOLA Básica Sarah Afonso







Esta história empoeirada  
Começa numa tarde chuvosa e acinzentada  
Quando um menino no sótão tropeça  
Numa velha caixa acastanhada.

Pegando na caixa soprou  
E uma nuvem de pó se levantou  
Com muito cuidado a abriu  
E eis o que encontrou.



Pela caixa estavam espalhadas  
Muitas fotos escuras e amareladas  
Presas num tempo que já passou  
Algumas até dobradas e rasgadas.

Pegou nelas, uma a uma, delicadamente  
Observando cada detalhe, atentamente  
Eram fotografias a preto e branco  
Que retratavam uma época diferente.



Saiu do sótão disparado  
Transportando consigo o seu achado.  
Mostrou a caixa ao seu avô  
Que a reconheceu, emocionado.

Lembrou-se na sua infância, instantaneamente  
De como eram os costumes antigamente  
Iniciou um relato do passado  
Que se encontrava escondido na sua mente.



"Lembro-me de quando era criança  
Logo de manhã bem cedinho  
Do senhor leiteiro bater à porta  
De chapéu e fato branquinho  
Deixando garrafas de leite fresquinho."



**EXTRA! EXTRA!**

"Ao passear pelas ruas  
Ouvia os arduas a apregoar  
Moços, por vezes, descalços  
Olhos tristes e sorrisos falsos  
De sacola ao ombro a escorregar  
Cheia de jornais para entregar."



"Carregadas de trouxas de roupa

Equilibradas na cabeça com mestria

Passavam por mim as lavadeiras

Para mais um dia na ria

Bate, esfrega, esfrega, bate

Para, na pedra, das nódoas se livrar

Estendiam as roupas pela eira

Para o sol as branquear."



"Lembro-me de ver, assustado

Figuras encardidas e escuras

Diziam que lembravam o diabo

Quando caminhavam pelas ruas

Cobertos de cinza e fuligem

Da cabeça até aos pés

De vassoura pronta às costas

Era o limpa-chaminés."



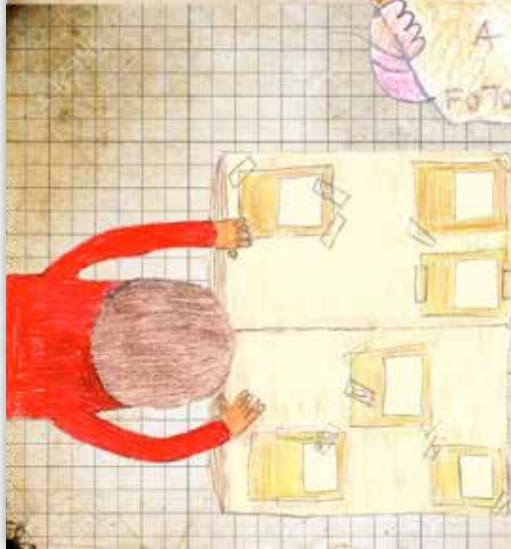


Suspirando, o avô termina o seu relato  
 Diferenciando o passado do presente.  
 "Os tempos eram duros, é um facto.  
 Eram estes os tempos de antigamente."



"Obrigado, avô, pelas tuas histórias"  
 Diz o neto, cheio de emoção.  
 "Que profissões diferentes e difíceis  
 Ainda bem que houve evolução."

"Vou pegar nas tuas fotos,  
 E, com a tua permissão  
 Farei um álbum de memórias  
 Que guardarei para sempre  
 No meu coração."



-><-  
uma aventura...  
no bosque da tapada  
-><-



uma história do 2.º C da

ESCOLA Básica Santo Amaro



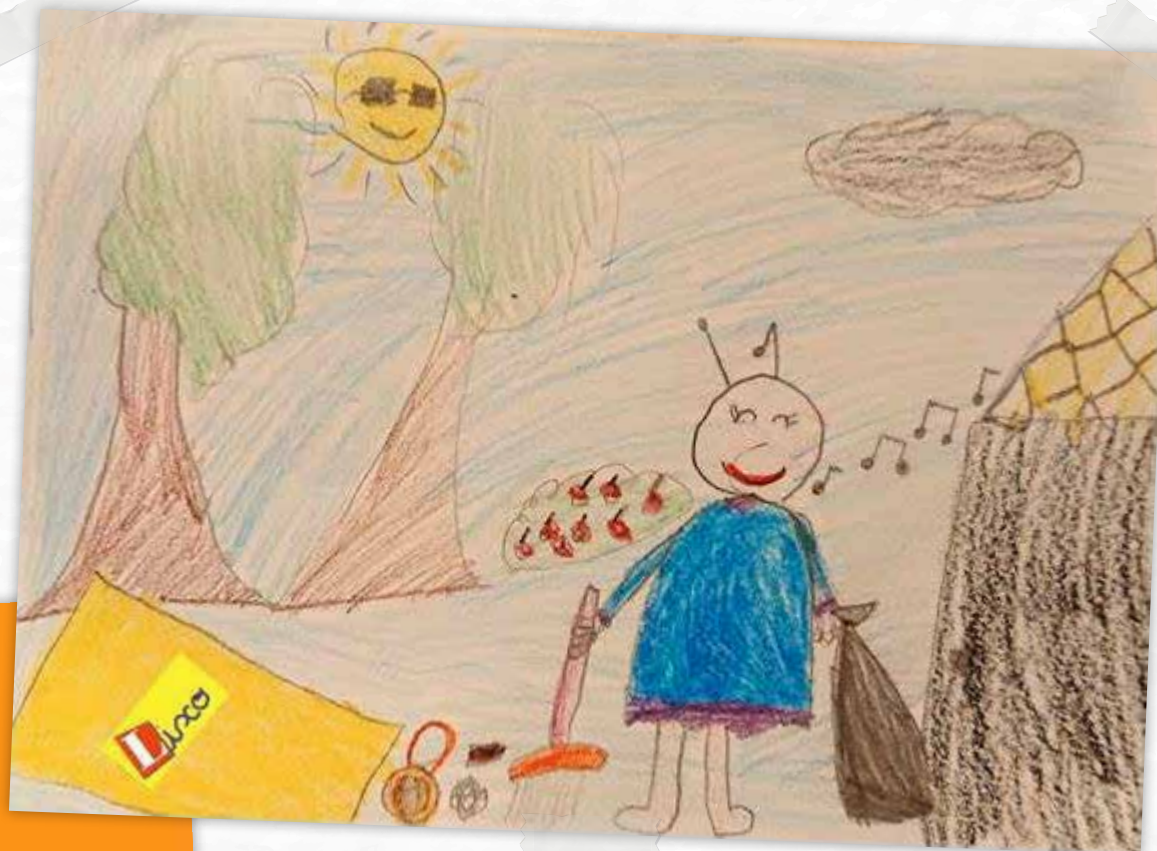


### Era uma vez, uma Carochinha

que vivia sozinha, na sua casinha feita de pedrinhas do solo com o telhado coberto de folhas de plantas velhas papel rasgado e pedacinhos de musgo e lama.

Era um bocadinho pobre e, um dia bem cedinho, enquanto limpava a entrada da sua casa da poluição dos homens, encontrou...

...uma medalha.





Seria uma medalha da Rainha que por estes jardins passeou...



...ou seria uma medalha de Junot, um general francês que gostava de se sentar a descansar, no banco de jardim que ficava bem perto da casinha da Carochinha!



Sem mais demora, pegou na medalha e foi até ao Anfiteatro pois ali não teria dificuldades em se fazer ouvir, para pedir conselho a quem poderia saber do assunto.





Sim, nessas coisas de realzas, o seu amigo chapim real é que lhe poderia valer.

Mistério resolvido!

O chapim real investigou e descobriu que a medalha pertenceria ao general Junot.



Quem me chama?  
Ah!! És tu Carochinha!





Feliz, a Carochinha agradece ao chapim e, assim rica decide comprar vestidos, pulseiras, braceletes, brincos, flores e fitas.

Depois... lembrou-se de uma história antiga de um seu familiar e pôs-se à janela e começou a cantar:





Apareceram três candidatos, todos animais bem conhecidos da Real Tapada da Agronomia: a rã, o guarda-fios e o esquilo vermelho.



Muito disseram para cativar o coração da linda Carochinha, mas só o Esquilo Vermelho é que conseguiu falar-lhe ao coração:

Olá Carochinha! Eu sou o Esquilo Vermelho da Tapada e sou um bom candidato para o teu coração porque quando estiveres com frio... eu aqueço-te com a minha cauda fofinha. E casaram-se e viveram muito felizes na Real Tapada da Agronomia.



A Câmara Municipal de Lisboa, através do Departamento de Educação, no âmbito do Programa de Educação para as Literacias – Letras Cores e Saberes, organizou o concurso HISTÓRIAS NA MINHA CIDADE cujo objetivo principal foi a edição de um livro, centrado nos temas das tradições da cidade de Lisboa.

Assumindo a forma de concurso dirigido aos alunos das escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico da rede pública da cidade de Lisboa, os princípios objectivos do projeto visaram a educação e sensibilização do público mais jovem para a criatividade e criação artística.

Pretendeu-se com este projeto mobilizar os professores e os seus alunos do 1.º ao 4.º ano de escolaridade, para a importância de explorar a imaginação e a singularidade de cada um e de as expressar através da criação de uma obra original, realizada em equipa e desenvolvida em sala de aula e/ou na biblioteca escolar.

A todos os participantes o nosso agradecimento pelo entusiasmo que demonstraram ao aceitar este desafio.

EDIÇÃO:



DESENVOLVIDO NO  
ÂMBITO DO PROGRAMA:

